

Escritor e poeta, nasceu em Vila Nova de Famalicão, a 9 de Agosto de 1869, e morreu no Porto, a 9 de Abril de 1947. Tinha 5 anos quando veio para o Porto, onde realizou todos os seus estudos. As primeiras manifestações literárias de Júlio Brandão, vêm do tempo do liceu, quando com outros jovens da sua idade fundou e dirigiu o pequeno jornal «A Ideia». Concluído o curso liceal começou a distribuir a sua colaboração por diversos jornais e revistas. Tinha então 19 anos e era bem claro em tudo o que escrevia, além daquele seu estilo muito pessoal, vincando os caracteres duma prosa impregnada de beleza e originalidade, toda doçura e vibração. Foi em «O Primeiro de Janeiro» que ele se revelou aquele crítico de arte que lhe deu cátedra de jornalista literário. Mas Júlio Brandão, foi além de crítico literário, também contista. E é neste campo das suas actividades literárias que ele nos lega «Farmácia Pires», «Maria do Céu», «Perfis Suaves», «Figuras de Barro» e «Contos Escolhidos», nos quais transparece sobretudo a finura de estilista consagrado. Depois, a destacar ainda mais o seu talento de autor, temos; «O Pintor Roquemont», exaustivo trabalho biográfico; «Miniaturistas Portugueses», precioso trabalho de investigação, e sem pedanteria didáctica, como o classifica D. João de Castro; «Os Melhores Quadros do Museu Municipal do Porto», em que ele põe à prova a sua vivência artística, e ainda uma monografia sobre Pinto do Couto. E a juntar a toda esta obra, a sua produção poética, reunida em «O Livro Aglais», prefaciado por Guerra Junqueiro; «Saudades», «O Jardim da Morte», «Mistério da Rosa Branca», «Nuvens de Ouro» e «Cantares», escritos entre 1892 e 1920. A sua única tentativa no campo do teatro, ficou assinalada com a peça «Noite de Natal», que escreveu de parceria com Raúl Brandão, seu companheiro dos tempos do Cenáculo, e presumível co-autor do folheto «Neflibatas». Esta peça foi representada no Teatro D. Maria, em 1899.

VIREA2E

[Início](#) | [Presidente](#) | [Autarquia A](#)
[Cidade](#) | [Eventos](#) | [Informação](#)
[Turismo e Lazer](#) | [Participe](#)
[Gabinete do Município](#)
[Contactos](#) | [Mapa do Site](#)

Última
actualização :
15-12-2004
10:49:11

leer a
carta de
atenção

Uma imagem indecisa aparecia misteriosa ante os olhos do jovem... uma forma de anjo, de contornos incertos e vaporosos, acenava a Miguel um recinto encantador, onde a luz semelhante ao crepúsculo não feria os olhos, onde a atmosfera estava carregada de aromas embriagadores, onde o contato de uma mão alvíssima, que apertava a rude mão do órfão, causava-lhe uma sensação inexprimível.

Pobre Miguel! em vão procurara ele o repouso sobre o duro leito que lhe ofereciam os arreios do seu cavalo... seu coração de poeta acordara do letargo, e aspirava alguma coisa que ele mesmo não podia adivinhar o que seria.

Outro homem, outro moço, velava também.

Estão lembrados os nossos leitores de um Julião, com quem já encontramos de passagem noutros capítulos do nosso romance?

Julião Fabre também velava.

Também naquela cabeça estúpida e perversa se cruzavam mil projetos, todos de sangue e de extermínio, e o seu coração palpitava de ódio, de ambição e de furor insólito, contra homens que nada lhe fizeram, a quem não conhecia, mas que aborrecia porque seu instinto de ambição dizia-lhe, que na perseguição contra esses homens encontraria o primeiro degrau aos seus desejos.

Julião não dorme; ele de ninguém confia; embrulhado no seu ponche, lá está ele, no mais escuro canto da igreja, espreitando sem pestanejar, sem perder de vista o movimento das vítimas do ditador.

A febre da inveja o agitava, e no mesmo ódio envolvia ele o velho lanceiro Simão e Miguel, que tinha a dita de possuir a confiança do general Rosas, a quem só conhecia de nome, e pelo qual sentia a mais viva atração.

Semelhante a um espírito infernal vigiava sobre Alsina, estudando com ávido e feroz olhar quanto se passava em redor dele; ao mesmo tempo com a sua ignorância servil corria as contas de um rosário suspenso ao seu pescoço, rezando à nossa senhora, que o protegesse nos seus ímpios e nefandos desejos!

Que aberração!

SIMÃO E MIGUEL

Apenas livre da espingarda, Miguel atravessou com passo rápido, pátios e claustros do velho Mosteiro; faltava-lhe o ar aos seus pulmões; sua cabeça ardia, seu sangue já circulava com violência, já parando a sua circulação normal, ocasionava-lhe espasmos e dores desconhecidas, comoções do seu ser físico e do seu ser moral que ele pela vez primeira sentia, vendo ante seus olhos duas carreiras que a voz de Alsina lhe revelara.

Crime e virtude.